

O ultramar na minha terra

No ultramar ocorreu uma guerra (entre 1961 e 1974) preocupante e muito má economicamente para o nosso país, mas também emocionalmente. Como em todas as guerras, houve boas memórias e um espírito traumatizante, mas também um espírito de camaradagem, um espírito de ajuda ao próximo.

Na minha terra, os homens bons de saúde receberam uma carta do ministério na qual dizia de igual forma para todos "o excelentíssimo foi chamado para defender a pátria portuguesa".

Todos já sabiam que iam para a guerra, sabiam que um dia iria chegar a sua vez, obviamente que toda a gente estava com muita ansiedade, as mulheres cheias de medo de que os filhos e maridos morressem e, os homens, com um sentimento de não querer sair de perto da sua família.

No dia de partida, os familiares dos militares que iam para a guerra estavam lá. No dia de despedida os militares despediam-se dos pais e das mães ou da mulher a chorar - os pais a acolher as mães, os militares acenavam-lhes, alguns com os lenços brancos, outros com a mão.

Tinha chegado o esperado dia...

O que acabei de contar foi uma breve história de como foi recebida, pelo meu avô, a carta do ministério até à despedida no porto. (figura 1)

Era o ano de 1962, o meu avô já era militar, mais especificamente primeiro sargento enfermeiro, era ele quem comandava a equipa de enfermagem. Vivia feliz com a minha avó na Amadora, uma vida "tranquila" (mesmo assim viviam numa ditadura salazarista).

Chegou o ano de 1964, três das colónias portuguesas queriam a independência, só que o governo português não queria. Então, para manter as suas antigas colónias Portugal, ou melhor Salazar, ordenou "Para Angola, rapidamente e em força" (figura 4). Depois destas palavras iria começar uma guerra que duraria 13 anos.

Na minha terra, o medo e o desespero cresceu, os homens com mais de 18 anos e bons de saúde foram obrigados a ir para a tropa, o meu avô como já era militar foi logo mandado ir na primeira leva. Uma semana antes, preparavam as suas malas com a respetiva farda, o material de combate e, como toda a gente fumava na altura, vários maços de cigarros até porque naquela altura davam um maço de cigarros a cada três dias por cada soldado.

As mulheres aproveitavam o tempo que ainda tinham com os seus familiares porque sabiam que poderiam não os voltar a ver. Os maridos que iam para a guerra e os filhos que iam para a tropa despediam-se da mulher e da mãe, os maridos a dizer que voltariam, os filhos a dizer para não se preocuparem para acalmar, um bocado, aquele clima de receio e medo.

O meu avô era muito “sangue frio” e quando o chateavam ou ameaçavam era muito agressivo, mas também era uma pessoa muito humana, muito simpática e muito camarada. Tinha um grande feitio, por isso, claro, com receio e medo de morrer, o que felizmente não aconteceu, ia com um sentimento de *desenrasco*, de camaradagem e de coragem para combater e enfrentar o desconhecido.

Certamente que, na minha terra, todos se conheciam e os que andavam na tropa ainda se conheciam mais.

Um dia antes de irem para o quartel davam os últimos abraços e beijos.

Na altura de ir para o quartel, deslocavam-se de comboio ou a pé. Na minha terra todos iam juntos a pé para o quartel até porque era bastante perto.

Quando chegaram ao quartel, o meu avô como era sargento de medicina preparava os seus equipamentos medicinais, armamento, fardamento; os soldados seguiam ordens dos seus superiores para se prepararem, para arranjar todo o equipamento de combate.

O comandante supremo do quartel organizava tudo como por exemplo: quantos soldados iam para a Guiné, quantos iam para Moçambique ou para a Angola, quantos oficiais e que plutões os oficiais comandavam em quantas levadas os levavam - o comandante do quartel organizava os seus militares.(figuras 5 e 6)

Tinha chegado o dia em que os superiores decidiram quem é que ia para a primeira leva. Nesse dia foram alguns homens embarcar para o porto em Lisboa. Estavam lá todos os familiares, entre esses a minha avó para ver o meu avô partir. O barco tinha começado a partir os militares acenavam-lhes com o lenço branco que cada militar tinha.

Era grande a viagem que tinham pela frente até Angola. Durante a viagem os militares descansavam porque sabiam que não iam ter muito descanso quando lá chegassem.

Quando lá chegaram preparavam o seu grande acampamento, umas tendas eram para os oficiais, outras para os soldados, outra para a enfermagem que era lá que se encontrava o meu avô. Era preciso preparar tudo para o combate.

Passou-se uma semana, já tinha havido as primeiras mortes e tinham já sido enviadas as primeiras cartas para os familiares a relatar como estavam a correr as coisas. E chegavam, infelizmente, as cartas de mortes de familiares.

No início da guerra, pelo que o meu avô contou ao meu pai, a guerra era “mais fácil” porque os africanos como não participavam no mercado de armas e nem as fabricavam, usavam o que estava à sua volta para as construir como flechas, machados, lanças. Por isso é que os africanos estavam em desvantagem porque comparado como o armamento português (na altura já era utilizada a G-3) não tinham muitas hipóteses. O meu avô até contou ao meu pai que, quando estavam em posição de ataque ou então a andar no carro blindado, disparavam para as árvores ; o meu avô até dizia “caíam como cocos.” (figuras 2 e 3)

Mas também houve vários episódios assustadores. Um dia o meu avô estava a andar no mato e veio um soldado inimigo a correr com um facalhão em direção a ele o meu avô só se lembra de agarrar nele com as pernas no pescoço, dar um mortal e mandá-lo contra a parede com uma força bruta. Eu não gosto muito de ouvir esse tipo de coisas, mas compreendo o meu avô porque se eu estivesse no seu lugar faria o mesmo, porque na guerra o que se pensa mesmo é em sobreviver.

Passado uns tempos, o meu avô saiu dali. Certamente que estava muito feliz e cheio de saudades de ver a família que já não via há imenso tempo.

Era o ano de 1974, o meu pai já tinha 4 anos, os portugueses estavam desesperados com a situação política, viviam com medo por causa da polícia do estado, a P.I.D.E.

Em março desse ano, um grupo de militares começaram a ter reuniões secretas para terminar com a ditadura, foi então que na madrugada de 24 de abril partiram, de vários pontos do país, militares com destino até Lisboa, eram esses militares que viriam a mudar o futuro do nosso país.

Foi então que, na manhã do dia 25 de abril, no largo do Carmo se juntaram os militares e os cidadãos em frente ao quartel do Carmo (figuras 8), porque era lá que se encontrava o ditador Marcelo Caetano que se rendeu aos militares e o povo português estava livre!

“Viva a liberdade” gritavam todos nas ruas, certamente que toda a gente deve ter visto na TV que Portugal finalmente estava em liberdade (figura 7).

O povo português não poderia esperar por dia melhor! E é assim que acaba esta história de luta e coragem dos militares portugueses que lutaram por Portugal.

E assim foi o ultramar na minha terra.

Anexo documental

Figura 1 – militares no porto de Lisboa



Figuras 2 e 3 – soldados em combate



Figura 4 – Salazar anuncia a partida de forças militares para Angola



Figuras 5 e 6 – aquartelamento das tropas



Figuras 7 e 8 - Dia 25 de Abril – ruas de Lisboa e Largo do Carmo



Créditos

https://www.google.com/search?q=ultramar+em+combate&tbm=isch&ved=2ahUKEwjcrL68mP3-AhUfnycCHeTmBUMQ2-cCegQIABAC&oq=ultramar+em+combate&gs_lcp=ChJtb2JpbGUtZ3dzLXdpei1pbWcQAzIFCAAQogQyBQgAEKIEMgUIABCiBDIFCAAQogQ6BwgjEOoCECc6BAgjECc6CAgAEIAEELEDOgUIABCABDoHCAAQigUQQzoHCAAQDRCABDoGCAAQHhANOgQIABAeOgclABATEIAEU0HWJEIYOYmaAJWAHgAgAH4A4gBsBOSAQwxMi41LjAuMS4wLjGYAQCGAQGwAQXAAQE&sclient=mobile-gws-wiz-img&ei=5zhlZJydM5--nsEP5M2XmAQ&bih=695&biw=1080&rlz=1C9BKJA_enPT1023PT1024&hl=pt-PT#imgrc=bJCJ_XISBhaQaM